

# Programa inova sem superar falhas

O Programa de Formação Integral da Criança — Profic —, segundo seus criadores, é um projeto inovador capaz de solucionar os problemas do ensino no País. Mas para muitos educadores e representantes de associações do magistério é um programa demagógico, criado às vésperas das eleições (agosto de 86) para sensibilizar a população e envolver muito dinheiro.

A idéia do programa é do professor e médico José Aristodemo Pinotti, na época secretário da Educação do governo Montoro e, hoje, secretário da Saúde. “Os problemas na escola acontecem por causa da pobreza. As crianças pobres precisam, de alimentação, afeto, proteção e estímulo e seus pais não têm condições de dar tudo isto a elas. Por isso, é importante sua permanência em tempo integral na escola, enquanto os pais estão trabalhando.”

Por fornecer alimentação às crianças, o Profic é considerado mais assistencialista do que educacional — mesmo por profissionais ligados ao projeto. Iniciado em escolas estaduais e municipais e em entidades assistenciais, no final de governo, no ano passado, muitos professores envolvidos no projeto temeram que com a mudança de administração, o programa fosse abolido. Mas o atual secretário, Chopin Tavares de Lima, está dando continuidade a ele: “Os resultados mostram que o Profic é um avanço. E como fazer com que a criança aprenda se ela está com fome?”

A meta inicial de atendimento era de 650 mil crianças em um ano. Hoje, ao todo, 489 mil participam do programa, que teve uma previsão orçamentária de Cz\$ 2,4 bilhões, destinados à compra de materiais, cons-

trução e reformas dos prédios. “Sua implantação é um processo gradual. O sonho a curto prazo é que daqui a três anos todos os alunos do ciclo básico participem do programa. Se conseguirmos isso, já é uma vitória, pois vamos garantir o processo de alfabetização. Depois, vamos partir para as outras séries”, afirma Hélio Amorim de Oliveira, coordenador do Profic.

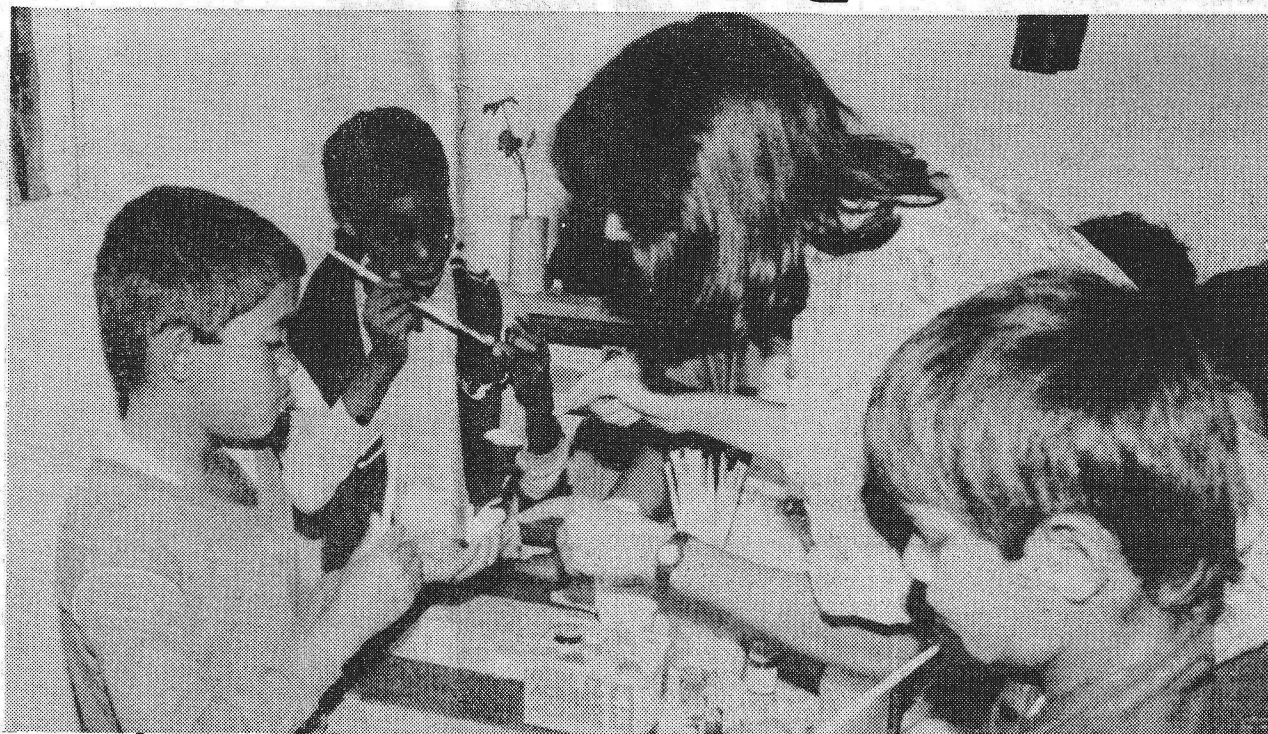
“Na prática, o Profic levanta problemas que são extremamente fecundos, mas parece que ao oferecer o período da tarde todos os problemas da manhã estão resolvidos. Não é porque o Profic é realizado, que a pedagogia foi atacada”, afirma Vitor Henrique Paro, pesquisador da Fundação Carlos Chagas e professor da Faculdade de Educação da USP e da PUC. Com outros pesquisadores ele está discutindo a questão da importância ou não do tempo integral na escola.

“O programa não leva em conta que existem mais de 50 alunos em cada classe, que muitos professores faltam às aulas com frequência, que os professores ganham pouco. Não se pensa em uma política educacional, mas ao mesmo tempo, faz-se uso político dessa iniciativa.”

O presidente da Associação dos Professores de Ensino Oficial do Estado de São Paulo, João Antonio Felício, não é contra a permanência das crianças na escola, mas lamenta que o Profic não tenha sido muito discutido pela rede antes de sua criação. “Os professores precisam participar das discussões.”

“Ele garante coisas que facilitam a aprendizagem. As horas que as crianças passam no Profic são muito mais agradáveis do que as da sala de aula, pois elas têm muita recreação e é uma relação menos tensa entre professor e aluno”, afirma Denise Rebelo de Souza, assistente de pesquisa da Fundação Carlos Chagas. “De alguma forma, ele responde a uma necessidade social: as crianças recebem supervisão, saem da rua. Mas é preciso repensar a escola”, completa Celso João Ferretti, pesquisador da Fundação.

Para os pesquisadores, a questão do tempo que a criança deve ficar na escola faz parte de um debate maior que precisa discutir todos os problemas. “É necessário se entender toda a precariedade da educação e se pensar em uma nova escola que não seja autoritária, que não deprima nem esmague a criança.”



O Profic tira as crianças da rua, mas os críticos afirmam: “é assistencialista”

ENSINO  
PÚBLICO